



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14745 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Educação e Povos Indígenas

**O PROGRAMA REDE DE SABERES DA UCDB: POSSIBILIDADES DE AUTO-DECOLONIZAÇÃO POR MEIO DAS RELAÇÕES COM OS POVOS INDÍGENAS**

Gustavo dos Santos Souza - UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Ao me propor investigar o Programa Rede de Saberes - UCDB (PRS/UCDB) sob o viés dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, comecei a refletir sobre meu caminhar nesse espaço, tanto físico quanto simbolicamente. Produto de uma criação pautada sobre os princípios do cristianismo protestante, cheguei a um espaço onde me deparei com as diferenças, que hoje compreendo de maneira outra, mas que durante boa parte de minha adolescência em transição para a fase adulta, enxergava de maneira grotesca, como ameaças ao redor de uma “pureza” cristã.

Não deixei de ter como crença o cristianismo, nem mesmo na existência de um ser celestial, entretanto, passei a olhar para mim mesmo enquanto cristão e ser humano, percebendo a maneira como eu representava a diferença colocando-a em um lugar inferior, ou ainda pior, taxando-a como o local de onde vinha o mal que minha crença religiosa “combatia”. Entendia toda e qualquer variação religiosa ou cosmogônica como tentações enviadas pelo inimigo mortal daqueles que seguem o cristianismo, satanás.

Não via outra verdade senão aquela que me foi colocada socialmente por minha criação em meio à uma família cristã. E isso me angustiou frente à diversidade que encontrei na universidade. Sujeitos de diferentes estilos de vestimenta, cabelos, etnias, culturas,

cosmovisões e religiões borraram minha trajetória universitária, porém sem tamanha profundidade que me colocasse em desequilíbrio com minha, até então, verdade absoluta.

Em 2017, entrei no Núcleo de Estudos e Pesquisas dos Povos Indígenas - NEPPI/UCDB (espaço em que o PRS/UCDB está englobado) como estagiário do Centro de Documentação Indígena CEDOC - Antônio Brand e como pesquisador de iniciação científica, onde me deparei com um ambiente que me deslocou da realidade ao qual estava habituado. Primeiramente porque, naquele espaço, eu era o Outro. No NEPPI existia um espaço com computadores, impressoras, papéis, livros, documentos, fotografia, jornais, filmes e revistas disponíveis para os acadêmicos indígenas da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Quando cheguei nesse local físico, me vi enquanto um dos poucos não-indígenas presentes. Tive então a primeira experiência de como é se sentir afastado de um grupo. Mas não porque os acadêmicos não foram receptivos comigo, pelo contrário, mas porque manifestavam uma coletividade que não se limitava a fenótipos ou etnias. Era um conjunto de acadêmicos que, naquele espaço, tinham a liberdade de serem indígenas sem o medo da exclusão, dos julgamentos, da inferiorização que acontecia nos demais espaços da universidade, predominantemente não-indígena.

Mas esse incômodo não perdurou. Com o passar dos dias, cada vez mais os(as) acadêmicos(as) me procuravam para pedir auxílio com os computadores, ou pediam que eu encontrasse algum documento ou fotografia, e aos poucos fomos trocando experiências. Tive curiosidade sobre as pinturas corporais que às vezes alguns apareciam. Explicaram-me que era em ocasiões específicas como um ritual ou um dia importante na tradição da comunidade que exigia a realização das pinturas.

Soube também como era feito o rito de passagem da adolescência para a fase adulta na cultura do povo Xavante. Dois colegas, que posteriormente se tornaram meus amigos, apareceram com as orelhas furadas e carregando um pequeno pedaço de bambu em forma cilíndrica. Logo me chamou a atenção, mas tive todo cuidado ao perguntar, por receio de que fosse ofensivo querer saber algo que diz respeito à sua cultura. Mas não me entenderam mal. Na verdade ficaram empolgados de poder me ensinar sobre a cultura de seu povo, me explicando assim alguns costumes significativamente importantes como a luta de raiz e a corrida de tora.

Fiz amizades também com acadêmicos e acadêmicas do povo Boe, que também me ensinaram alguns de seus saberes tradicionais. Na culinária, me apresentaram o bolo de arroz feito pela avó de uma delas. Falaram como, ao decorrer dos tempos, foram perdendo o hábito de falar sua língua, dizendo-me que alguns poucos ainda falavam.

Durante a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (2020), realizei entrevistas com três acadêmicos(as) indígenas do PRS dos(as) quais eu tinha mais proximidade. Acho que esse vínculo mais estreito me fazia não ter medo de expor minhas curiosidades a respeito das culturas indígenas. Sempre fui receoso em indagar qualquer dúvida aos acadêmicos, no entendimento de que poderia ser invasivo e que talvez poderia reproduzir um discurso estereotipado sobre eles.

Mas por que trazer relatos sobre as relações que foram estabelecidas a partir do Programa Rede de Saberes - NEPPI/UCDB? São trocas de experiências que me fizeram repensar a maneira como compreendo as diferenças. Ao chegar neste ambiente, me senti deslocado por ser um dos poucos não-indígenas e então pude compreender um pouco do que esses povos passam ao transitarem por espaços homogeneizados. Nunca compreenderei o que realmente sentem numa situação como essa, mas essa pouca experiência que tive me foi o suficiente para repensar meu posicionamento acerca da visão de mundo que carregava até então.

Refleti historicamente sobre minhas crenças religiosas e cheguei à conclusão - hoje provisória - de que muitos dos princípios estão vinculados ao estabelecimento de um controle social, político, cultural e comportamental. Dessa maneira, ao estar em contato com diferentes visões de mundo, pude perceber que minhas lentes não eram as únicas possibilidades de enxergar e que outras lentes apresentam significados tão existentes e reais quanto os que considero meus.

E com essas reflexões acontecendo continuamente, principalmente após minha entrada no mestrado (em 2021) e do meu contato com o campo teórico que fundamenta esta pesquisa, compreendo hoje que nos primeiros dias em que cheguei eu fui o diferente naquele espaço. Mas não me foram impostas fronteiras (BHABHA, 1998; NASCIMENTO, 2014), o que houve na verdade, imperceptível a mim naquele momento, foi o estabelecimento de um diálogo inter-multicultural, no sentido de que os acadêmicos indígenas, “donos” daquele espaço - PRS/NEPPI -, não me enxergaram como um invasor, mas como um sujeito que passou a coabitar com eles sem negar, excluir ou subalternizar as suas diferenças.

Dado ao ponto que começamos a trocar, de fato, conhecimentos distintos, onde de lá se pedia auxílio para compreender o funcionamento de um software e de cá se pedia ajuda para saber como surgiu o mundo na concepção cultural de um povo indígena, não mais me enxerguei como um sujeito Outro presente naquele contexto. Passei a fazer parte do PRS/NEPPI em suas diversas atividades. Eu também era o PRS/NEPPI. Me tornei parte do

coletivo PRS/NEPPI sem deixar de manifestar minhas crenças/cosmovisão, ao mesmo tempo em que aprendia sobre outras crenças/cosmovisões.

Passei a vivenciar um espaço de negociação (HALL, 2014; 2020) onde nada se perdia, tudo se transformava. Meus colegas indígenas não deixaram de ser indígenas por passarem a compreender o software que eu os ensinei. Eu não me tornei indígena por aprender sobre alguns costumes do povo Xavante ou do Povo Bororo. As diferenças sempre estiveram presentes naquele espaço; a convivência e os diálogos propiciados por aquele espaço permitiu que todos fossem afetados, fazendo emergir hibridismos dessas relações de alteridade, onde cada cultura faz suas traduções a partir de sua ancestralidade (BHABHA, 1998).

Mas de alguma forma fomos todos afetados. Reconheço que fiz um estranhamento de mim mesmo, mas a partir do Outro, da alteridade; pois só estranho a mim a partir da existência de uma possibilidade outra que me causa tensão a respeito daquilo que tinha, até então, como uma “certeza” (BHABHA, 1998).

Sendo assim, enxergo hoje que o Programa Rede de Saberes - NEPPI/UCDB, enquanto um programa que possibilita a entrada, o transitar e os afetamentos, desequilíbrios e ressignificações que os povos indígenas causam, como o que Bhabha (1998) ousa in-definir como o *entre-lugar*; como o Poço da Escada de René Green:

O poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (BHABHA, 1998, p. 22).

Considerar, de maneira simbólica, o Programa Rede de Saberes enquanto um *entre-lugar* é reconhecer estar em um espaço escorregadio, um espaço “fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização” (BHABHA, 1998, p. 34); visto a negociação que há neste espaço, onde ao mesmo tempo em que posso ser isto, noutra momento posso ser aquilo, noutra momento, a partir da alteridade, posso ser isto e aquilo ao mesmo tempo.

É um lugar que possibilita a apropriação do outro, do diferente, mas não em um sentido negativo de usurpação ou imposição hierárquica à medida em que não me aproprio da mesmice do outro, pois o que me aproprio é uma ressignificação, uma tradução (HALL, 2020) a partir da minha subjetividade, daquilo que me construiu, mas que só reconheço a partir da possibilidade de identificação que o sujeito outro me oportuniza.

Meditando com Bhabha (1998), Hall (2014; 2020), Skliar (2003), penso que diálogos foram criados, pontes surgiram entre os diferentes outros que transitavam pelo espaço simbólico proporcionado pelo Rede de Saberes, além das traduções que emergiram desse cenário. Refletindo as transformações possibilitadas por este contexto, penso que não há e nunca houve fixidez identitária, senão enquanto uma concepção trazida pelo discurso colonial, mas que não se concretiza, mesmo dentro do próprio discurso.

E apesar desse discurso produzir verdades que afetam tanto o colonizador quanto o colonizado e dentro disso estabelecer, pelo estereótipo e pela discriminação, uma posição fixa da diferença, da identidade do outro, o mesmo processo que discrimina abre brechas em que na própria discriminação há o reconhecimento da diferença e da possibilidade de subjetividades hibridizadas que emergem dessas diferenças.

É certo de que não há a valorização e o respeito dessa diferença dentro deste contexto colonial, mas há o reconhecimento, porque só se torna possível discriminar algo ao qual se reconhecesse a existência, mesmo que preconceituosamente, e esse sujeito ao qual o discurso colonial discrimina, a ele é atribuído a existência de uma complexidade sociocultural e também étnico racial, que ameaça a mesmidade hegemônica (SKLIAR, 2003), ameaça a forma como o Eu hegemônico se relaciona com o mundo e com a humanidade. E por isso lhe é tão amedrontador esse reconhecimento, porque causa tensões, atritos morais, éticos e epistemológicos para consigo mesmo, afetando o sujeito de tal forma que não mais retorna à sua mesmidade sem que ela esteja marcada pelo encontro com o outro.

Sigamos nos hibridizando a partir da alteridade, pois, com isso, fortalecemos a diversidade, o reconhecimento, o respeito às diferenças, e continuamos a tensionar e desestabilizar o projeto colonizador de homogeneização identitária.

**Palavras-chave:** Programa Rede de Saberes; Povos Indígenas; Diferenças.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

NASCIMENTO, Adir Casaro. Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão e o diálogo com as culturas ancestrais: uma construção difícil, mas possível. **Série-Estudos** - periódico do PPGE/UCDB. n. 37, p. 33-46, jan./ jun. 2014.

HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?" In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.) **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 106.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Edição 12. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, Gustavo dos Santos. **O PROGRAMA REDE DE SABERES DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO: potencialidades decoloniais.** Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande - MS, 104p. 2022.